

CUIDADO DIALÓGICO: ENFRENTAMENTO DAS VIOLÊNCIAS VIVIDAS PELAS JOVENS EM SITUAÇÃO DE RUA

THE DIALOGIC CARE: COPING WITH VIOLENCES LIVED BY FEMALE HOMELESS YOUTH

Joana Iabrudi Carinhanha¹
Lucia Helena Garcia Penna²
Liana Viana Ribeiro³

Resumo

O presente estudo buscou identificar e compreender a dimensão do cuidado para as jovens em situação de rua com vistas ao enfrentamento da violência vivida. Para tanto, foram entrevistadas 11 adolescentes acolhidas em abrigo municipal do Rio de Janeiro. Os dados foram interpretados à luz da análise de conteúdo. O principal aspecto do cuidado apontado pelas adolescentes refere-se a ação dialógica calcada no acolhimento e na humanização para transformação da realidade vivida. A família, a escola e o abrigo foram apontados como ambientes promotores de cuidado, particularmente, pela oportunidade de reinserção social. Identificou-se, portanto, uma visão ampla de cuidado dialógico que envolve duas esferas de ação dialógica: o atendimento direto às adolescentes (com vistas à autonomia e cidadania) e o trabalho em rede (saúde, educação, justiça, assistência social, ONGs), considerando o apoio social existente e a ser desenvolvido na atuação em equipe, intersetorial e interdisciplinar.

¹ Professora Adjunta do Departamento Materno-Infantil da Faculdade de Enfermagem da UERJ. Área da Saúde da Mulher. E-mail: joanaibrudi@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9301-7327>

² Professora Adjunta do Departamento Materno-Infantil da Faculdade de Enfermagem da UERJ. Programa de Pós-graduação da Faculdade de Enfermagem da UERJ (PPGENF/UERJ). E-mail: luciapenna@terra.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9227-628X>

³ Doutora em Enfermagem. Professora do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Estácio de Sá. Área da Saúde da Mulher e Saúde Mental. E-mail: liana_vian@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5566-2974>

Palavras-chave: Jovens em situação de rua, Violência, Cuidado dialógico, Relações interpessoais, Educação em saúde

Abstract

The present study sought to identify and understand the dimension of care for female homeless youth with a view to coping with the violence experienced. For that, 11 female adolescents were interviewed, who were welcomed in a municipal shelter in Rio de Janeiro. The data were interpreted through content analysis. The main aspect of care indicated by the adolescents refer to the dialogic action based on welcoming and humanization to transform de reality experienced. The family, the school and the shelter were identified as environments that promote care, particularly because of the opportunity for social reintegration. Therefore, a broad vision of dialogic care was identified that involves two spheres of dialogical action: direct care for adolescents (with a view to autonomy and citizenship) and networking (health, education, justice, social assistance, NGOs), considering the existing social support and to be developed in teamwork, intersectoral and interdisciplinary.

Keywords: Homeless youth, Violence, Dialogic care, Interpersonal relations, Health education.

Introdução

O fenômeno da violência para as jovens em situação de rua forma uma complexa rede que perpassa os diversos espaços por onde circulam, quais sejam a família, a rua, o abrigo, marcando desde as relações interpessoais do seu microambiente até a ordem social mais ampla onde estão inseridas (CARINHANHA; PENNA, 2012).

A violência vivida pelas adolescentes em situação de rua manifesta-se de formas diferentes, mais ou menos visíveis. São situações que incluem desde as agressões verbais e físicas, uso abusivo de drogas, IST, intensos conflitos familiares, baixo nível socioeconômico familiar, até as particularidades que o gênero delimita como no envolvimento com a

CUIDADO DIALÓGICO: ENFRENTAMENTO DAS VIOLÊNCIAS VIVIDAS PELAS JOVENS EM SITUAÇÃO DE RUA

prostituição, abuso sexual, tolerância com relacionamentos violentos como manifestação de afeto, tendência a viver violência mais como vítima do que como agressora, gravidez não planejada, abortamento (CARINHANHA; PENNA, 2012; PENNA et al, 2016; PENNA et al, 2017a; PENNA; CARINHANHA; RODRIGUES, 2010; DE ANTONI; MUNHÓS, 2017; LIMA; MORAIS, 2016). Acrescenta-se ainda a naturalização e banalização da violência vivida, sobretudo no lar e na comunidade, que ajuda a incrementar o comprometimento da autoestima e os prejuízos decorrentes da precariedade de conhecimento do próprio corpo e saúde para a tomada de atitudes de autocuidado (CARINHANHA; PENNA, 2012; CARINHANHA; RODRIGUES, 2010; LIMA; MORAIS, 2016; RODRIGUES et al, 2015).

Segundo o relatório do Projeto Conhecer para Cuidar, pesquisa de amostragem nacional que apresenta dados quantitativos e qualitativos sobre crianças e adolescentes em situação de rua e de acolhimento institucional, as jovens com história de vida nas ruas representam cerca de ¼ do grupo, sendo que a maioria é negra e parda, apresentam defasagem escolar (idade-série) e percentual preocupante tem filhos (SOUZA; RIZZINI, 2020). Outros dados deste levantamento revelam que os principais motivos para estarem nas ruas são a exploração no trabalho (incluindo tráfico de drogas e mendicância), busca por liberdade e/ou diversão e os conflitos familiares (envolvendo violência física, verbal, etc.). Apesar de se tratar de um grupo heterogêneo, dada a diversidade de origens e de fatores que conduziram à vida nas ruas, são jovens que se encontram afastadas do convívio familiar, sem que seus direitos de cidadãs sejam validados. Saem de casa para tentar encontrar nas ruas um ambiente mais socializador (BOTELHO; et al, 2008; PENNA et al, 2017b). Configuram uma parcela da população brasileira que possui um modo de ver e estar no mundo diferenciado, estabelecendo suas próprias normas sociais/relacionais (PENNA et al, 2017a; PENNA et al, 2017b).

Por um lado, a atenção às crianças e adolescentes que vivenciam violência vem sendo amplamente estudada, em particular pela enfermagem, e, apesar das muitas dificuldades dos profissionais para lidar com estas situações, alguns caminhos podem ser apontados (APOSTOLICO; HINO, 2013; SILVA; FERRIANI; SILVA, 2011; NUNES; SARTI; OHARA, 2009). Para enfrentar a complexidade delineada por estas situações que extrapolam a área de atuação da saúde e romper com a cadeia de exclusão que a atenção tradicionalmente

CUIDADO DIALÓGICO: ENFRENTAMENTO DAS VIOLÊNCIAS VIVIDAS PELAS JOVENS EM SITUAÇÃO DE RUA

biomédica tende a reproduzir, parece fundamental articular o cuidado à criança/adolescente e sua família aos serviços e recursos comunitários (SILVA; FERRIANI; SILVA, 2011; OLIVEIRA; RIBEIRO, 2006). Além disso, exigem do profissional de saúde instrumentalização para uma atitude sensível, compreensiva e criativa, bem como habilidade de percepção e intervenção (OLIVEIRA; RIBEIRO, 2006; ANGELO et al, 2013).

Por outro lado, no cenário nacional e internacional, dentre as violações cotidianamente vividas pelas adolescentes em situação de rua, está a dificuldade de acesso aos serviços de saúde, seja pela complexidade do contexto de intensa vulnerabilidade, seja pelo distanciamento entre a lógica das jovens e as políticas sociais, econômicas e de saúde (CARINHANHA; PENNA, 2012; KIDD, 2012; FERRIANI; BERTOLUCCI; SILVA, 2008; ENSIGN, 2004; MORAIS; KOLLER, 2012; CUMBER; TSOKA-GWEGWENI, 2016; KOOPMANS et al, 2019). A aproximação necessária com a realidade vivida parece ser através da articulação com as próprias jovens. Como mostram os estudos (ENSIGN, 2004; DOROSHENKO et al, 2012; LAENEN, 2011; MONTEIRO et al, 2011), as adolescentes em situação de rua são capazes de identificar e têm interesse em discutir suas necessidades de saúde, ressaltando a importância de considerar suas expectativas em relação ao cuidado como um caminho de garantia do seu direito à saúde e a viver sem violência.

Diante da complexidade do fenômeno da violência vivida pelas jovens em situação de rua, pensar estratégias apropriadas às necessidades destas adolescentes exige entender como as mesmas percebem suas demandas e desejam ser cuidadas. Portanto, considerando a necessidade de incluir a visão da adolescente sobre o cuidado para que este não seja uma repetição prescritiva desarticulada da realidade, mas uma ação transformadora, objetivou-se, neste estudo, identificar e compreender a dimensão do cuidado para as adolescentes em situação de rua com vistas ao enfrentamento da violência vivida pelas mesmas.

Metodologia

Trata-se de um estudo do tipo exploratório com abordagem qualitativa, que buscou apreender os significados, subjetividades, valores, sentimentos, experiências, opiniões, atitudes e motivações contidas nos discursos das adolescentes com experiência de viver nas

CUIDADO DIALÓGICO: ENFRENTAMENTO DAS VIOLÊNCIAS VIVIDAS PELAS JOVENS EM SITUAÇÃO DE RUA

ruas.

Os sujeitos do estudo foram as adolescentes acolhidas numa central de recepção de adolescentes (dispositivo de acolhimento imediato e emergencial para adolescentes), que integra a rede de acolhimento institucional da Secretaria Municipal de Assistência Social e Direitos Humanos do Rio de Janeiro – SMASDH/RJ.

Para a produção dos dados, foram realizados contatos preliminares com a equipe desta unidade de acolhimento, e com as próprias jovens, a fim de divulgar o estudo e seus objetivos, vantagens e riscos. Neste momento, as 12 adolescentes acolhidas foram convidadas a participar da pesquisa, cabendo a cada uma a decisão acerca de sua participação voluntária. Após este momento prévio, 11 adolescentes tornaram-se sujeitos deste estudo – uma jovem recusou-se a participar – e autorizaram sua participação, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual também foi ratificado e assinado pela direção da unidade de acolhimento (responsáveis legais pelas adolescentes, à época). A pesquisa foi aprovada sob protocolo nº 203/07 no Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro (SMS/RJ), tendo seguido os princípios éticos em pesquisa envolvendo seres humanos. Cabe destacar, que a identificação das adolescentes seguiu um código alfanumérico (A1, A2, A3, ... , A11) para referência aos seus depoimentos no texto, preservando seu anonimato.

A coleta de dados foi realizada através de entrevista semiestruturada, a partir de um roteiro previamente elaborado. Após a coleta dos depoimentos, que foram gravados em meio digital, foi realizada a transcrição dos mesmos e sua análise através da sistematização da técnica de análise de conteúdo temático-categorial proposta por Oliveira (2008).

Cabe descrever um breve perfil das adolescentes estudadas: a faixa etária estabeleceu-se entre 13 e 17 anos e a escolaridade é baixa, estando, a maioria, atrasada em relação ao curso esperado. Uma delas afirma nunca ter frequentado a escola, por não ter sido registrada (não possui certidão de nascimento) e outra, apesar de estar no 4º ano do ensino fundamental, não sabe ler nem escrever. Por outro lado, a maioria delas tem como perspectiva de futuro o estudo, particularmente, como caminho para a construção de uma vida melhor.

Resultados e discussão

CUIDADO DIALÓGICO: ENFRENTAMENTO DAS VIOLÊNCIAS VIVIDAS PELAS JOVENS EM SITUAÇÃO DE RUA

Para o estudo das possibilidades de enfrentamento das violências vividas pelas jovens em situação de rua como uma proposta de cuidado, foram utilizadas as concepções de Paulo Freire sobre o processo de conscientização dos sujeitos – as mulheres-adolescentes acerca da realidade vivida que pode impulsioná-las para a transformação, a partir de uma ação dialógica. Explorou-se o nível de consciência explicitados nas falas das adolescentes, bem como as estratégias que favorecem a dialogicidade como caminho para a libertação das situações de violência.

As adolescentes apontaram diversos fatores (individuais, relacionais, comunitários e sociais) para o estabelecimento de estratégias de cuidado visando o enfrentamento das violências vividas, auxiliando, inclusive, na prevenção das mesmas. Os atores que atuam neste processo são variados, formais ou não, bem como as estratégias que se utiliza.

A ação dialógica como cuidado: conscientização e transformação da realidade vivida

O principal aspecto do cuidado almejado pelas adolescentes do estudo envolve a ação dialógica, manifestado no pedido de ajuda para a reflexão sobre a realidade vivida, como estímulo ao movimento de transformação. Trata-se do cuidado como uma ação dialógica. Entende-se com Freire (2017) que este é o primeiro passo do processo de conscientização, da passagem de uma consciência ingênua para uma consciência crítica, ou seja, da simplicidade à profundidade na interpretação dos problemas.

As adolescentes demonstraram interesse e valorizaram a reflexão sobre a realidade vivida por si mesmas, mas também facilitada por alguém significativo. Contudo, percebe-se uma consciência ainda ingênua desta vivência, como no trecho de fala: “Desde que eu entrei aqui [abrigo], eu botei na cabeça que eu queria mudar... Eu disse: ‘Não! Agora eu vou mudar! Eu tenho que andar pra frente! O que adianta dar um passo pra frente e três pra trás?’” (A11).

Isto indica a relevância da ação dialógica para o desenvolvimento de uma postura mais crítica que as ajude a enfrentar as ‘situações-limite’, ou seja, aquelas que aparentemente são insuperáveis e além das quais nada mais existiria. O início da percepção crítica está

CUIDADO DIALÓGICO: ENFRENTAMENTO DAS VIOLÊNCIAS VIVIDAS PELAS JOVENS EM SITUAÇÃO DE RUA

justamente na busca por superar estas situações num movimento coletivo de fé e esperança, ou seja, no ‘inédito viável’, que constitui a busca por soluções inéditas cuja viabilidade passou despercebida (FREIRE, 2016).

Não se trata de processo simples nem para as adolescentes nem para os que se propõem a intermediá-lo. As violências que dão contorno à realidade vivida pelas adolescentes favorecem uma visão de baixa autoestima, de forma que os riscos para obtenção de ganho financeiro rápido e fácil tornam-se mais atrativos do que se sujeitar a um subemprego e à parca ajuda do Estado. Problematicar tal vulnerabilidade, discutir esta dinâmica e suas raízes é fundamental para a produção de estratégias de enfrentamento, valorizando soluções para uma vida digna a partir do fortalecimento da autoestima,

Refletir sobre a necessidade de mudar é quase consensual entre as adolescentes do estudo, implicando basicamente na força de vontade de cada um, uma vez que “tem que ter força de vontade! Se não tiver, nunca vai pra frente! Eu parei pra pensar e refletir muitas coisas [...] É preciso ajudar os próximos pelo mesmo caminho do meu! Tem que botar na cabeça: se tu não quiser, tu não vai! Ninguém pode te obrigar! Tem que querer...” (A9).

O discurso das adolescentes explicita a construção social de que a mudança na situação de fracasso, desamparo e passividade em que se enquadra a família e a juventude pobres é apenas uma questão de boa vontade (ARPINI, 2003). Contudo, trata-se de uma exigência desleal, uma vez que a sociedade não se responsabiliza pelo não provimento de condições básicas (educação, moradia, saúde, trabalho) para que possam enfrentar os desafios sociais e manter-se inseridos na ordem do trabalho e da sociabilidade básica, evitando, assim, a desafiliação (ARPINI, 2003; CASTEL, 1994).

Esta contradição reflete a consciência ingênua das protagonistas deste estudo, pois apenas percebem os problemas (apreensão espontânea), sem desvelar a razão de ser das coisas (FREIRE, 2017; FREIRE, 2016). No caso das adolescentes em situação de rua pode-se destacar a opressão da falta de estrutura gerada pela desigualdade social e econômica, a opressão da cultura estigmatizante relativa ao seu grupo social que produz uma identidade de não pertencimento, a opressão das relações de poder com seus pares, com seus familiares e outros adultos que deveriam lhes proteger e garantir seus direitos, a opressão da assimetria de gênero, entre outros.

CUIDADO DIALÓGICO: ENFRENTAMENTO DAS VIOLÊNCIAS VIVIDAS PELAS JOVENS EM SITUAÇÃO DE RUA

O apoio para a transformação das situações vulnerabilizantes vividas em seus cotidianos, é entendido pelas adolescentes como uma forma de cuidar, pois “a melhor forma de ajudar uma pessoa a mudar é dar muito carinho e amor à pessoa!” (A11). As jovens acrescentam que este cuidado baseia-se nas relações interpessoais com certas características, as quais foram identificadas como dialógicas. Trata-se de relações que promovem o acolhimento e a humanização: tratá-las com afeto, não abandoná-las, fornecer-lhes amor, fornecer-lhes ajuda, estabelecer a confiança, falar sem agressividade e agir com sinceridade.

Ao apontarem a relação interpessoal dialógica como cuidado, percebe-se nas adolescentes a busca por sua humanidade roubada como resultado de uma ordem injusta que gera a violência dos opressores e, consequentemente, o ‘ser menos’ (FREIRE, 2016). Esta busca pelo ‘ser mais’ é uma práxis, ou seja, uma ação e reflexão sobre o mundo para a transformação, a qual não pode realizar-se no isolamento, mas na comunhão, na solidariedade, como um ato de amor, fé e humildade, calcado na confiança mútua.

Assim sendo, as adolescentes consideraram a conversa como uma forma relevante de ajuda e cuidado para o enfrentamento das violências vividas. Neste diálogo se incluem conselhos e orientações sobre a vida e as normas sociais, bem como exemplos de vida que ajudam a refletir sobre a realidade vivida, conforme indicados nos trechos de fala a seguir: “[Cuidado é] conversar mais, assim, o que acontece e o que não acontece no mundo” (A1); e “muitas pessoas falam pra nós: ‘Não acompanha essa pessoa, porque essa pessoa vai te levar pro buraco!’ . É isso que vai ficar no meu pensamento!” (A9).

Estudo alerta para o perigo no estabelecimento de regras de convivência, limites e modos de viver socialmente aceitos com a intenção de ajudar a adolescente, pois pode promover um distanciamento em relação à ela se esta ação não considerar efetivamente a lógica da adolescente, suas histórias e experiências de vida. Assim, pode haver a reprodução de um contexto opressor sem que o profissional se perceba fazendo-o (PENNA; CARINHANHA, LEITE, 2009).

Outro aspecto relevante da dialogicidade destacado por algumas adolescentes diz respeito à necessidade de substituir a violência pela conversa, bem como de se colocar os limites sem usar a violência, uma vez que as ações violentas apenas tendem a resultar em reações agressivas. Examinam seu próprio cotidiano e verificam que não é a violência, mas o

CUIDADO DIALÓGICO: ENFRENTAMENTO DAS VIOLÊNCIAS VIVIDAS PELAS JOVENS EM SITUAÇÃO DE RUA

diálogo a melhor forma/estratégia para resolver os conflitos e problemas, como salientado no trecho de fala: “Eu não gosto que ninguém briga comigo, só conversar!” (A10); e “Pra que bater, se pode ser conversado?!” (A11).

Ambientes e condições para a produção do cuidado dialógico

As adolescentes percebem que a ação dialógica não pode dar-se nas relações violentas e opressoras vividas cotidianamente nos espaços por onde circulam. Portanto, idealizam figuras e espaços significativos para o desenvolvimento do cuidado dialógico: a família, o abrigo e a escola.

A maioria das adolescentes deste estudo aposta na família como a estrutura de apoio capaz de conferir-lhes a afiliação. A família é considerada como espaço de cuidado que pode auxiliá-las no enfrentamento da violência.

Estudo (SOUZA; RIZZINI, 2020) verificou que a maioria dos adolescentes em situação de rua avalia o relacionamento com seus pais como bom ou muito bom, indicando que apesar dos contextos de vulnerabilidades vividos pelas famílias – sobremaneira marcados por extrema pobreza e diversas violências – os vínculos familiares resistem e a família segue como referência de apoio, inclusive, quando apresentam problemas de saúde nas ruas. Além disso, mencionam o desejo de voltar para casa ou de ter uma casa para morar com um familiar.

A valorização da família como instituição cuidadora pelas adolescentes não diz respeito necessariamente à família original, mas de modelos parentais que possam suprir-lhes as necessidades mais básicas de afeto e proteção, estabelecendo limites e conferindo-lhes um lugar social. Isto fica evidente no fragmento de fala: “[Cuida] como se fosse teu filho! Se eu não tivesse família, queria ser adotada! Tia, me adota e me leva pra tua casa?!” (A3).

Outra possibilidade quando o retorno à família original parece improvável é a busca das adolescentes pela construção de suas próprias famílias – o que implica no reconhecimento do outro eixo de afiliação necessário: o trabalho alcançado através do estudo, como destacado na seguinte fala “Ser alguém na vida é uma pessoa que trabalha, tem sua casa, tem tudo

CUIDADO DIALÓGICO: ENFRENTAMENTO DAS VIOLÊNCIAS VIVIDAS PELAS JOVENS EM SITUAÇÃO DE RUA

direitinho, faz curso... trabalhando, estudando, fazendo curso, ter marido, filhos... aí pra mim já é alguém na vida!” (A5).

O investimento no potencial da família como cuidadora de suas crianças e adolescentes implica em ações ampliadas que exigem do profissional o entendimento acerca das novas e diversas constituições familiares, bem como a reflexão sobre o espaço socioeconômico em que se insere esta família (CARINHANHA; PENNA; OLIVEIRA, 2015), evitando que juízos de valor prejudiquem a assistência integral à família.

Apesar do ideal de reinserção familiar, a maioria das adolescentes deste estudo destaca o abrigo como ambiente cuidador a partir das relações interpessoais de ajuda estabelecidas com os profissionais cuidadores e do suporte estrutural fornecido, de forma que consideram a permanência no abrigo, em geral, agradável, havendo o esforço para uma boa convivência.

O estudo de Souza e Rizzini (2020) reforça que adolescentes com história de vida nas ruas e em instituições de acolhimento referem que receberam ajuda nos abrigos, sobretudo, para aprendizado, educação formal e informal, cursos e oportunidades de emprego.

As relações interpessoais das adolescentes com os profissionais cuidadores do abrigo se baseiam no respeito, no acolhimento e no diálogo, fornecendo o suporte psicoafetivo necessário para o seu desenvolvimento, conforme se verifica na fala: “Eu respeito eles [profissionais do abrigo], eles respeitam a gente também” (A8).

Destacam mais uma vez os conselhos e orientações tão importantes nesta fase de suas vidas, por si só permeada por muitas dúvidas e provas, e agravada pela situação de afastamento do convívio familiar. O trecho de fala exemplifica: “Como os educadores me dão muito conselho, vou vivendo o dia-a-dia aqui [abrigo]...” (A9).

Percebe-se a importância da relação interpessoal, em particular, com os educadores sociais, os quais são apresentados como figuras significativas e de confiança. Estes profissionais cuidadores ajudam a tornar o cotidiano no abrigo mais agradável, cada qual com características pessoais diferentes, por exemplo: “os educadores, a maioria são ótimos, tem o educador R..... que vai pelo justo, a tia R..... joga vôlei com a gente diversas vezes, a tia C.... é muito legal também, sem falar no V....., ele me diverte à beça!” (A11).

CUIDADO DIALÓGICO: ENFRENTAMENTO DAS VIOLÊNCIAS VIVIDAS PELAS JOVENS EM SITUAÇÃO DE RUA

Embora existam divergências e conflitos, há o reconhecimento do trabalho realizado pela equipe técnica do abrigo, como se pode verificar através da fala: “Ela [técnica do abrigo] pode ser chata, pode ser ignorante, mas ela quer o nosso bem! E ela luta pra gente ter um prato de comida, ela luta pra gente estudar, ela luta pra gente ter um estágio... pro nosso abrigo ir pra frente!” (A11).

A convivência no abrigo é considerada agradável. Além da boa relação interpessoal com os profissionais (notadamente os educadores), as adolescentes também desenvolvem relacionamentos amigáveis com os demais jovens acolhidos:

Aqui [abrigo] a gente tem que se dar como irmão! Porque querendo ou não, ninguém tá aqui porque quer! Todo mundo tem uma necessidade, cada um precisa um pouco daqui! Então, aqui a gente tem que se sentir uma família! E se lá fora a gente tá correndo risco de vida e não pode ir lá pra fora, aqui a gente tem que se dar bem, o melhor possível! Grandes irmãos, uma família! (A11).

Fica evidente o esforço das adolescentes deste estudo por facilitar a convivência neste espaço, pois, apesar de estarem entre desconhecidos, apresentam uma condição em comum – o afastamento da família. É preciso pensar mais sob este prisma e incentivar esta reflexão entre as jovens, a fim de aumentar o grau de coesão desse grupo estigmatizado.

Para as adolescentes, o abrigo representa ainda o suporte necessário para promover o afastamento das drogas – o que também é considerado um cuidado. As regras do abrigo que limitam a circulação, o envolvimento em atividades que evitam a ociosidade, mas principalmente as conversas e conselhos dos profissionais ajudam a enfrentar a sedução da drogadição, “Porque é a única forma de eu não usar [drogas].” (A8); “[ajuda] muitas pessoas também que me dá conselho aqui [abrigo], e fala que não é pra mim fazer isso [usar drogas]...” (A9).

A avaliação predominantemente positiva pronunciada pelas adolescentes em relação ao abrigo talvez seja uma particularidade do cenário desta investigação, pois estudos apontam na direção oposta, ou seja, retratam as dificuldades e violências vividas pelos jovens nas instituições que deveriam protegê-los (CARINHANHA; PENNA, 2012; PENNA; CARINHANHA; RODRIGUES, 2010; CARINHANHA; LEITE; PENNA, 2008).

A escola foi apontada como ambiente cuidador pela possibilidade de oportunizar um caminho que desvie da trajetória de violências, favorecendo a de reinserção social. As

CUIDADO DIALÓGICO: ENFRENTAMENTO DAS VIOLÊNCIAS VIVIDAS PELAS JOVENS EM SITUAÇÃO DE RUA

adolescentes identificam o estudo como oportunidade de crescimento pessoal e social que lhes facilitará a entrada no mercado de trabalho formal, ajudando a construir um futuro com dignidade e cidadania, como na fala: “A única coisa que eu queria era estudar, fazer curso... aí, eu já tava feliz! Tô aprendendo a ler, a escrever pra ser alguém na vida...” (A5).

A oportunidade de estudo também evita a ociosidade, segundo as adolescentes, preenchendo o tempo com algo produtivo e limitando o espaço para brigas, uso de drogas, prática de delitos. O fragmento de fala exemplifica:

Aqui [abrigo] eu tô estudando, vou fazer estágio, vou poder ganhar meu dinheiro, vou poder alugar uma casa pra mim, depois comprar - trabalhando! Eu pensava que roubando eu ia conquistar isso, mas eu vi que eu não! Roubando eu só ia conquistar duas coisas: a morte ou a cadeia. Elas [adolescentes abrigadas] que procuram [briga], se elas ficassem no canto delas estudando, fazendo um curso, ocupar a vida delas... (A9)

O estudo é colocado pelas adolescentes entrevistadas como uma idealização a partir das normas sociais apreendidas e reflete o reconhecimento desse caminho para a superação da condição de extrema vulnerabilidade em que se encontram. Contudo, a baixa escolaridade e até analfabetismo deste grupo reforça a dificuldade de frequentar a escola tradicional, que não está preparada para recebê-las, provocando novas violências. Estudo de Carinhonha, Leite e Penna (2008) revela a discriminação, desrespeito e falta de sensibilidade para lidar com este grupo na escola, inclusive, pelos próprios alunos – que apesar de também viverem de forma precária, consideram-se superiores por terem uma casa, família. Profissionais da educação, por sua vez, ratificam o desafio da inserção das jovens com história de vida nas ruas nas escolas e a necessidade de adaptação dessas instituições às necessidades e possibilidades desse grupo (SOUZA; RIZZINI, 2020).

É preciso, portanto, ponderar sobre os modelos escolares existentes que tentam enquadrar seus alunos dentro do padrão ideal de passividade e de bom comportamento e rendimento escolar. Conseguiriam essas adolescentes – acostumadas a passar a maior parte do tempo livre nas ruas – suportar permanecer confinadas em uma sala de aula durante horas, recebendo um conteúdo que não conseguem assimilar, pois não coaduna com sua vida? Estariam os professores preparados para trabalhar com esse grupo?

CUIDADO DIALÓGICO: ENFRENTAMENTO DAS VIOLÊNCIAS VIVIDAS PELAS JOVENS EM SITUAÇÃO DE RUA

Esta produção não é tarefa fácil, principalmente, em se tratando de jovens que provocam o tempo todo para testar os limites, pois estão acostumados à repressão como forma de convivência e diante de um espaço em que não impera a ameaça como forma de educar é compreensível que tentem descontar a opressão sofrida fora dali (LEITE, 1991). Assim, é preciso potencializar a autonomia, a solidariedade e a competência dessas jovens através de uma atuação para além dos conteúdos didáticos, ou seja, uma atuação nas relações, nas expectativas e na conscientização (MINAYO; NJAINE; ASSIS, 2004). É uma intervenção que parte da aceitação, respeito, confiança e carinho para ser capaz de levar o aluno a superar a descrença em si mesmo e na escola (LEITE, 1991). São valores que as adolescentes entrevistadas relacionam com a prática do cuidar desejada, indicando a possibilidade de êxito ao apostar neste caminho para a transformação da realidade.

As adolescentes também identificam o cuidado como o fornecimento de condições estruturais, ou seja, entretenimento, moradia, recursos financeiros/materiais, saúde e emprego. Além disso, ressaltam a necessidade de investimento governamental nos abrigos:

Se eu fosse dona de um morro, meu morro ia ser chique de doer! [risos] Eu ia ajudar os moradores... o dinheiro que eu ia ganhar no tráfico... ih! Eu ia botar festa para as crianças! O morro não ia ter violência! Ia ser morro de lazer! Formado por moradores! [...] Então, assim... o governo tem que investir mais nisso, entendeu?! Mais em esporte, educação, investir mais nos abrigos, entendeu?! Mostrar pros adolescentes que abrigo não é um bicho de sete cabeças! (A11)

Esta visão do cuidado implica em mudanças mais amplas, da ordem das políticas públicas, da redução das desigualdades econômicas tão intensas em nosso país. Considerando que o enfrentamento destas iniquidades depende de ações de saúde que fomentem a participação cidadã, destaca-se a importância da inclusão dos determinantes socioeconômicos para a produção de cuidado aos grupos populacionais mais vulneráveis como as adolescentes em situação de rua, as quais vivenciam estigmas sociais, desafiliação, desigualdades em saúde (GROLEAU, 2011).

Diante das violências intrafamiliares e comunitárias vividas, as adolescentes entrevistadas desejam sentirem-se seguras e protegidas contra os maus-tratos, humilhações, abusos, apontando uma outra forma de cuidado que diz respeito à proteção como uma manifestação de amor, uma vez que “[cuidado] é isso que o amor faz: não deixa ninguém

CUIDADO DIALÓGICO: ENFRENTAMENTO DAS VIOLÊNCIAS VIVIDAS PELAS JOVENS EM SITUAÇÃO DE RUA

esculachar. Valorizar... não deixar ninguém abusar de mim, cuidar bem, não deixar gente me maltratar nem esculachar” (A1).

Apesar da independência almejada por elas e pelos adolescentes em geral, as jovens deste estudo (como os demais) precisam de um ambiente seguro e acolhedor para viverem e se desenvolverem de forma saudável. Além disso, essa relação com o cuidado reflete a condição feminina culturalmente construída de fragilidade a ser protegida por uma figura masculina, sinalizando a associação entre cuidado e gênero.

Concomitantemente, a realidade adversa e violenta em que estão inseridas aguça-lhes o senso de autoproteção, como se observa no trecho de fala: “Cuidado é não deixar te acontecer nada. Ficar sempre quieta na minha. Cuidado com o que fala...” (A7).

Esse autocuidado pode ser entendido também como consequência compatível com os comportamentos de risco adotados, ou seja, essas adolescentes não são tão inconsequentes como se poderia julgar e percebem as situações de risco em que se envolvem (voluntariamente ou não).

Os homens são seres inconclusos e por isto estão sempre em busca do ‘ser mais’, de conhecer a si mesmo e o mundo, o que o incita à transformação (FREIRE, 2016). A ‘inconclusão’ da juventude, particularmente, em função da formação da identidade durante esta fase impulsiona os jovens a inventar saídas de emergência. Portanto, é compreensível tanto o comportamento de risco quanto as buscas espirituais e religiosas

As adolescentes deste estudo além de procurarem se proteger, evitando os riscos a que estão expostas, apontam o cuidado como ajuda divina para o enfrentamento das violências vividas, afinal “Deus! [pode ajudar] [suspira] Às vezes, Deus manda tirar minha saída pra mim não sair: às vezes pode acontecer alguma coisa! Também... quando tu quer, por exemplo, ir para um baile, tu tenta sair e não consegue e fica só aqui [abrigo], é que tem alguma coisa te impedindo de ir pro baile!” (A2).

Esta relação com a religião significa mais do que o atendimento às suas carências decorrentes da precariedade em que vivem como se poderia julgar inicialmente. O estudo de Valla (2001) aponta sua associação com o desejo de viver a vida de forma mais plena possível, de procurar uma explicação, um sentido para uma vida mais coerente frente à falta de apoio institucional, criando motivações para resistir à pobreza. A aposta na ajuda divina

CUIDADO DIALÓGICO: ENFRENTAMENTO DAS VIOLÊNCIAS VIVIDAS PELAS JOVENS EM SITUAÇÃO DE RUA

cria alternativas para além do refúgio da crise e alívio dos sofrimentos, mas busca na solidariedade um sentido para a vida.

Cuidado dialógico: perspectivas e desafios para o enfrentamento das violências vividas pelas jovens situação de rua

Apesar das adolescentes compreenderem a ordem social vigente, faltam-lhes as condições estruturais para construir uma trajetória saudável esperada para qualquer cidadão.

A redução do impacto da violência sobre a saúde física e mental das adolescentes em situação de rua remete à necessidade primeira de conscientização das jovens para suas necessidades e direitos de saúde, a partir da reflexão sobre sua realidade, sua inserção social, suas raízes (PENNA; CARINHANHA; LEITE, 2009). A intervenção necessária parece ser na perspectiva da cidadania através de ações educativas por seu potencial transformador da realidade de vulnerabilidade.

Contudo, isto não é tarefa fácil e o cuidado a estas jovens constitui desafio constante para a área da saúde, exigindo enfoque específico com estratégias inovadoras de assistência que considerem suas trajetórias de vida e produzam uma ruptura nessa sequência de violações (PENNA; CARINHANHA; RODRIGUES, 2010; OLIVEIRA; RIBEIRO, 2006).

Considerando o interesse por um cuidado que produza um sucesso prático e não apenas um êxito técnico (PINHEIRO; GUIZARD, 2004) no sentido do enfrentamento das situações de violência vividas pelas adolescentes em situação de rua, fica evidente em suas falas a demanda por um cuidado calcado na ação dialógica de Freire (2016) – aqui entendido como cuidado dialógico.

Trata-se de uma perspectiva de cuidado que promova o fortalecimento a partir do diálogo, da interpelação da realidade com vistas ao exercício da cidadania. Fortalecimento que virá da compreensão das raízes das violências vividas, da experimentação dos sentimentos, da aprendizagem pela socialização de experiências, do exame do funcionamento/dinâmica social, da investigação das ações e reações que impulsionam o movimento de busca por novos conhecimentos e re-conhecimentos, por desorganizar e re-

CUIDADO DIALÓGICO: ENFRENTAMENTO DAS VIOLÊNCIAS VIVIDAS PELAS JOVENS EM SITUAÇÃO DE RUA

organizar a realidade coletivamente (CARINHANHA; PENNA, 2012). Um cuidado afetuoso, sensível, crítico e criativo.

Para a transformação da condição de saúde e de vida é preciso que os sujeitos pensem e reflitam sobre esta realidade, buscando seus direitos e soluções para os problemas. Entende-se o cuidado dialógico, portanto, como um espaço relacional, um encontro entre sujeitos que favoreça a ressignificação do valor da vida, o entendimento do funcionamento de nossa ordem social e econômica injusta que origina tantas violências visíveis, mas, sobretudo, silenciosas, destituindo as jovens de seus direitos como cidadãs. Um encontro no qual o diálogo, a comunhão de saberes, faz refletir e agir sobre esta realidade.

A atuação na adolescência feminina em situação de rua com esta perspectiva do cuidado dialógico parece fundamental para garantir a cidadania de futuras adultas, evitando a continuidade do descaminho produzido pela vivência reiterada de tantas violências. Considera-se que esta fase da vida é mais propícia à intervenção que produza transformações, impedindo que a identidade de desafiliação se cristalice.

A tarefa parece ser no sentido de auxiliar as jovens em situação de rua a repadronizar o modelo que aprenderam, ou seja, ajudá-las a romper com a repetição desses padrões que lhes são esperados. Esta perspectiva impulsiona a intervenção junto aos diversos setores que podem compor a rede de cuidados (saúde, educação, assistência social, justiça) necessária para atender às demandas das adolescentes em situação de rua, repensando atuações, implementando ações e sistemas de avaliação e acompanhamento.

Freire (2017, p. 101) aponta a possibilidade de promover esta mudança através de uma educação corajosa que possibilita ao homem “uma nova postura diante dos problemas de seu tempo e de seu espaço. A da intimidade com eles. A da pesquisa ao invés da mera, perigosa e enfadonha repetição de trechos e de afirmações desconectadas das suas condições mesmas de vida”.

Limitações do estudo

Apesar da importância de dar voz a este grupo geralmente negligenciado, o presente estudo retrata uma realidade local e restrita pelo número de participantes a partir da técnica de

CUIDADO DIALÓGICO: ENFRENTAMENTO DAS VIOLÊNCIAS VIVIDAS PELAS JOVENS EM SITUAÇÃO DE RUA

entrevista com uma abordagem qualitativa. Outros estudos envolvendo cenários e atores diferentes e associando métodos de produção de dados poderia fornecer maior aprofundamento e diversidade de olhares para dar conta da complexidade do fenômeno e a urgência de enfrentamento.

Além disso, percebemos a necessidade de maiores estudos sobre essa rede de acolhimento, seus êxitos e lacunas, particularmente, na visão dos que dela dependem – os adolescentes em situação de intensa vulnerabilidade.

Conclusão

Os principais aspectos do cuidado considerados por quase todas as jovens em situação de rua dizem respeito aos fatores relacionais e ao suporte fornecido pela família (não necessariamente a original). Parcela significativa das jovens apontou também o abrigo e a escola como ambientes promotores de cuidado, considerando, particularmente, a oportunidade de reinserção social que estes espaços oferecem. Os demais fatores se interpenetram apontando para as condições estruturais/materiais e protetivas, bem como para o apoio religioso.

A demanda das adolescentes por cuidado envolve majoritariamente relações interpessoais calcadas no diálogo e a educação formal como formas de aprendizagem para a transformação da realidade, favorecendo a reinserção social e preenchendo o vazio gerado pela organização social e econômica injusta.

Esta é uma dimensão ampla do cuidado almejado pelas adolescentes para o enfrentamento das violências vividas em que a ação dialógica sugerida pelas mesmas permeia todos os âmbitos de sua circulação, incluindo suas relações informais (família, comunidade) e formais (abrigos, serviços de saúde, educação, mercado de trabalho, políticas). Evidencia-se a demanda pelo cuidado dialógico. O cuidado desejado envolve, portanto, duas esferas de ação dialógica: o atendimento direto às adolescentes (com vistas à autonomia e cidadania) e o trabalho em rede (saúde, educação, justiça, assistência social, ONGs) para dar conta da complexidade da realidade vivida.

CUIDADO DIALÓGICO: ENFRENTAMENTO DAS VIOLÊNCIAS VIVIDAS PELAS JOVENS EM SITUAÇÃO DE RUA

Trata-se do cuidado que lhes forneça condições para a construção de projetos de vida – uma vida de possibilidades e não restrições, com afeto e não violências. Um cuidado que coaduna com os princípios de integralidade e humanização, uma vez que utiliza o diálogo como estratégia axial de ação, promovendo a interpelação da realidade com vistas ao exercício da cidadania. É o cuidado dialógico, entendido como um espaço relacional de construção compartilhada de conhecimentos e habilidades que favoreçam a transformação da realidade vivida a partir da conscientização dos problemas e reflexão sobre as soluções viáveis.

Esta perspectiva de cuidado remete também à necessidade de sensibilização de profissionais e adolescentes para a valorização e respeito às origens destas jovens, em grande medida, atrelada a ordem social e econômica injusta que origina tantas violências visíveis, mas, sobretudo, silenciosas, destituindo-as de seus direitos como cidadãs e impulsionando-as para um funcionamento muitas vezes diferente da visão hegemônica do que se considera como saudável.

Para tanto é preciso aproximar-se, familiarizar-se e conhecer os espaços por onde circulam estas adolescentes: a família, a comunidade, a rua, os conselhos tutelares, os abrigos, as escolas, as ONGs, os serviços judiciais. Esta aproximação impulsiona a intervenção junto a rede de cuidados, repensando atuações, implementando ações e sistemas de avaliação e acompanhamento num trabalho em equipe, interdisciplinar e intersetorial para constituir a integralidade da assistência às adolescentes.

Referências

ANGELO, M. et al. Vivências de enfermeiros no cuidado de crianças vítimas de violência intrafamiliar: uma análise fenomenológica. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 585-592, set. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072013000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 02 jul. 2020.

APOSTOLICO, M. R.; HINO, P.; EGRY, E. Y. Possibilities for addressing child abuse in systematized nursing consultations. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 47, n. 2, p. 320-327, abr. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342013000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 02 jul 2020.

CUIDADO DIALÓGICO: ENFRENTAMENTO DAS VIOLÊNCIAS VIVIDAS PELAS JOVENS EM SITUAÇÃO DE RUA

ARPINI, D. M. **Violência e exclusão**: adolescência em grupos populares. Bauru: EDUSC, 2003.

BOTELHO, A. P. et al. Meninos de rua: desafiados em busca de saúde mental. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 361-70, 2008.

CARINHANHA, J. I.; LEITE, L. C.; PENNA, L. G. P. “Minha arma é a mão”: a violência como forma de resistência. In: LEITE, L. C.; LEITE, M. E. D; BOTELHO, A. P. (Org.). **Juventude, desafiliação e violência**. Rio de Janeiro: Contra-cap, 2008.

CARINHANHA, J. I.; PENNA, L. H. G. Violência vivenciada pelas adolescentes acolhidas em instituição de abrigo. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 68-76, mar. 2012.

CARINHANHA, J. I.; PENNA, L. H. G.; OLIVEIRA, D. C. Representações sociais sobre famílias em situação de vulnerabilidade: uma revisão da literatura. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro: EdUERJ, v. 22, n. 4, p. 565-570, mar. 2015. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/15442>>. Acesso em: 02 jul. 2020.

CASTEL, R. Da indigência à exclusão, a desfiliação. In LANCETTI, A. (Org.). **Saúde e Loucura 4**, São Paulo: Hucitec, 1994.

CUMBER, S. N.; TSOKA-GWEGWENI, J. M. Characteristics of street children in Cameroon: a cross-sectional study. **African Journal of Primary Health Care & Family Medicine**, Durbanville: AOSIS, v. 8, n. 1, p. 1-9, 2016.

DE ANTONI, C.; MUNHÓS, A. A. R. AS VIOLÊNCIAS INSTITUCIONAL E ESTRUTURAL VIVENCIADAS POR MORADORAS DE RUA. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 21, n. 4, p. 641-651, 6 jan. 2017.

DOROSHENKO, A. et al. Challenges to immunization: the experiences of homeless youth. **BMC Public Health**, v.12, p. 338-47, 2012. Disponível em: <<http://www.biomedcentral.com/1471-2458/12/338>>. Acesso em 15 mar 2014.

ENSIGN, J. Quality of Health Care: The Views of Homeless Youth. **Health Services Research**, [S.l.], v. 39, n. 4 Pt 1, p. 695–708, 2004.

FERRIANI, M. G. C. ; BERTOLUCCI, A. P.; SILVA, M. A. I. Assistência em saúde às crianças e adolescentes abrigados em Ribeirão Preto, SP. **Revista Brasileira de**

CUIDADO DIALÓGICO: ENFRENTAMENTO DAS VIOLÊNCIAS VIVIDAS PELAS JOVENS EM SITUAÇÃO DE RUA

Enfermagem, Brasília, DF, v. 61, n. 3, p. 342-348, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v61n3/a11v61n3.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2020.

FREIRE P. **Educação como prática da liberdade**. 40. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FREIRE P. **Pedagogia do oprimido**. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GROLEAU, D. Embodying 'health citizenship' in health knowledge to fight health inequalities. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, DF, v. 64, n. 5, p. 811-816, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672011000500002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 jul. 2020.

KIDD, S. Invited commentary: seeking a coherent strategy in our response to homeless and street-involved youth: a historical review and suggested future directions. **Journal of Youth and Adolescence**, [S.l.], v. 41, n. 5, p. 533-43, 2012.

KOOPMANS, F. F. et al. Living on the streets: an integrative review about the care for homeless people. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, DF, v. 72, n. 1, p. 211-20, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672019000100211&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 jul. 2020.

LAENEN, F.V. How drug policy should (not) be: institutionalised young people's perspectives. **International Journal of Drug Policy**, v. 22, n. 6, p. 491-7, 2011. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0955395911001861>>. Acesso em: 02 jul. 2020.

LEITE, Lígia Costa. **A magia dos invencíveis**: os meninos de rua na escola Tia Ciata. Petrópolis (RJ): Vozes, 1991.

LIMA, R. F. F.; MORAIS, N. A. Fatores associados ao bem-estar subjetivo de crianças e adolescentes em situação de rua. **Psico (Porto Alegre)**, Porto Alegre, v. 47, n. 1, p. 24-34, 2016.

MINAYO, M. C. S.; NJAINE, K.; ASSIS, S. G. **Cuidar cuidando dos rumos**: conversa com educadores sobre avaliação em de programas sociais. Rio de Janeiro: CLAVES/ENSP/FIOCRUZ, 2004.

MONTEIRO, E. M. L. M. et al. Percepção de adolescentes infratoras submetidas à ação socioeducativa sobre assistência à saúde. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 323-30, 2011.

CUIDADO DIALÓGICO: ENFRENTAMENTO DAS VIOLÊNCIAS VIVIDAS PELAS JOVENS EM SITUAÇÃO DE RUA

MORAIS, N. A.; KOLLER, S. H. Um estudo com egressos de instituições para crianças em situação de rua: percepção acerca da situação atual de vida e do atendimento recebido.

Estudos de Psicologia (Natal), Natal, v. 17, n. 3, p. 405-412, dez. 2012. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2012000300008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 02 jul 2020.

NUNES, C. B.; SARTI, C. A.; OHARA, C. V. S. Profissionais de saúde e violência

intrafamiliar contra a criança e adolescente. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 22, Esp. 70 Anos, p. 903-8, 2009.

OLIVEIRA, A. A. P.; RIBEIRO, M. O. O cuidar da criança de/na rua na perspectiva dos

graduandos de enfermagem. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 246-253, jun. 2006. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072006000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 02 jul. 2020.

OLIVEIRA, D. C. Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização.

Revista Enfermagem UERJ, Rio de Janeiro: EdUERJ, v. 16, n. 4, p. 569-76, 2008.

PENNA, L. H. G. et al. Empoderamento de adolescentes femininas abrigadas: saúde sexual na perspectiva do Modelo Teórico de Nola Pender. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de

Janeiro: EdUERJ, v. 24, n. 5, p. e27403, out. 2016. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/27403>>. Acesso em: 02 jul. 2020.

PENNA, L. H. G. et al. Perfil sociodemográfico da adolescente em situação de rua: análise

das condições socioculturais. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro: EdUERJ, v. 25, p. e29603, abr. 2017a. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/29603>>. Acesso em: 02 jul. 2020.

PENNA, L. H. G. et al. Sexualidade e saúde de pessoas em situação de rua. In LIMA, C. F.

(Org.). **Sexualidade e saúde: perspectivas para um cuidado ampliado**. Rio de Janeiro: Bonecker, 2017b. p. 571-89.

PENNA, L. H. G.; CARINHANHA, J. I.; RODRIGUES, R. F. Violência vivenciada pelas

adolescentes em situação de rua na ótica dos profissionais cuidadores do abrigo. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiania, v. 12, n. 2, p. 301-7, 5 jul. 2010.

PENNA, L. H. G.; CARINHANHA, J. I.; LEITE, L. C. A prática educativa de profissionais

cuidadores em abrigos: enfrentando a violência vivida por mulheres adolescentes. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 6, p. 981-987, 2009.

CUIDADO DIALÓGICO: ENFRENTAMENTO DAS VIOLÊNCIAS VIVIDAS PELAS JOVENS EM SITUAÇÃO DE RUA

RODRIGUES, R. F. et al. Sexualidade das adolescentes em situação de acolhimento: contexto de vulnerabilidade para DST. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro: EdUERJ, v. 23, n. 4, p. 507-512, set. 2015. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/18402/14242>>. Acesso em: 02 jul. 2020.

SILVA, L. M. P.; FERRIANI, M. G. C.; SILVA, M. A. I. Atuação da enfermagem frente à violência sexual contra crianças e adolescentes. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, DF, v. 64, n. 5, p. 919-924, out. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672011000500018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 02 jul. 2020.

SOUZA, M. T. C.; RIZZINI, I. (Org.). **Projeto Conhecer para Cuidar** – Relatório final do levantamento de dados quantitativos e qualitativos sobre crianças e adolescentes em situação de rua e em Acolhimento Institucional como medida protetiva à situação de rua. Rio de Janeiro: OPN – CIESPI/PUC-Rio, 2020.

VALLA, V. V. Globalização e saúde no Brasil: a busca da sobrevivência pelas classes populares via questão religiosa. In: VASCONCELOS, E. M (Org.). **A saúde nas palavras e nos gestos: reflexões da rede de educação popular e saúde**. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 39-62.